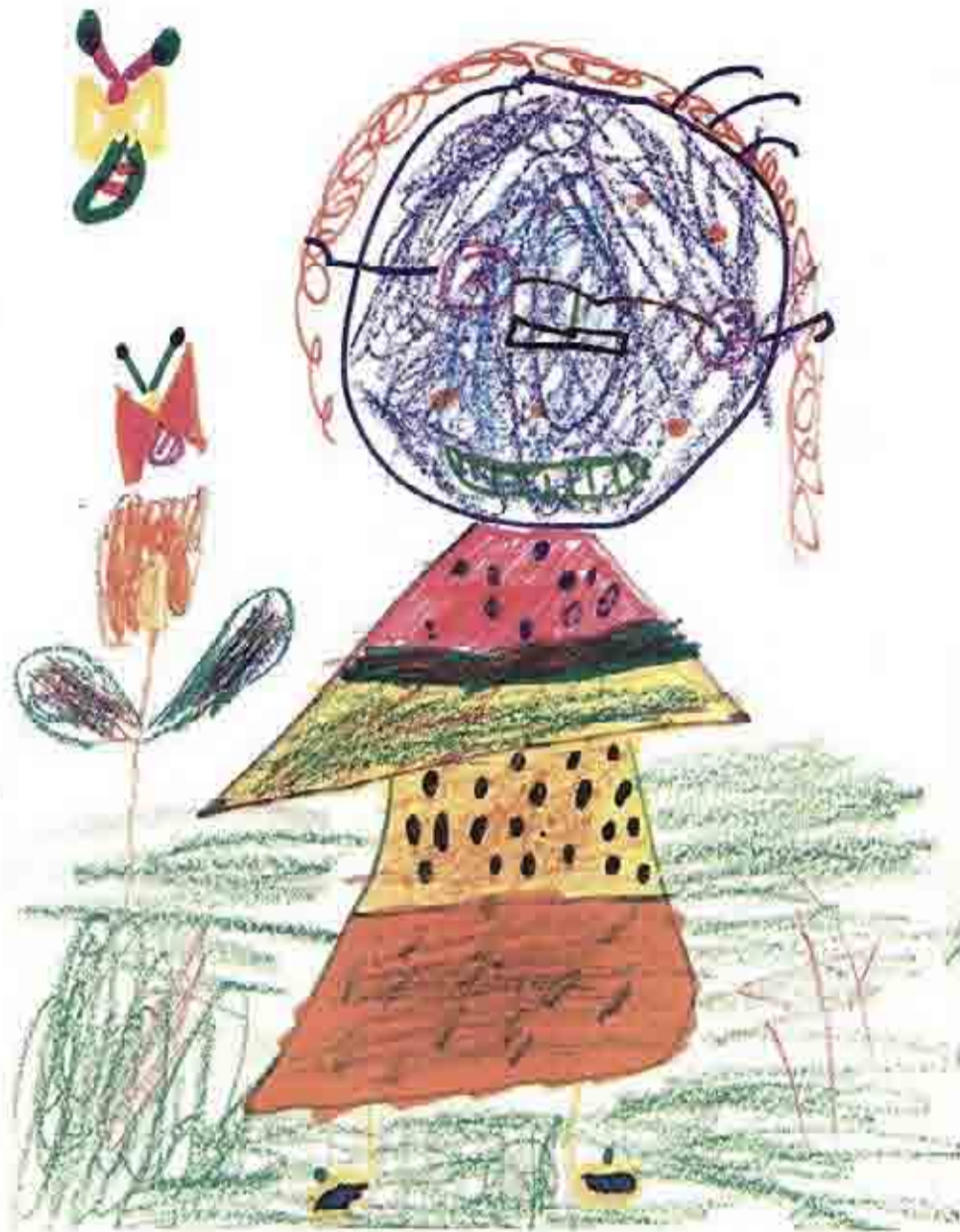




ROUBARAM-ME A INFÂNCIA
(FEZ-ME TANTA FALTA)
ALGUÉM A PENDUROU
NUMA PRATELEIRA ALTA
ONDE NUNCA CHEGUEI

SÓ HÁ DIAS A ENCONTREI
BASTANTE AMARELECIDA
ENTRE UMA FOTO APAGADA
E UMA BONECA PARTIDA

Sílvia Soares
Palavras Disponíveis
Editorial Presença, Lisboa, s/d



Josefete Maria Cardoso (Sílvia Soares, no seu pseudónimo literário) iria ser homenageada pela Câmara Municipal de Évora no dia 25 de Fevereiro, pelas 12 horas. A homenagem já não lhe foi consagrada em vida mas em morte — o seu funeral realizou-se precisamente nesse dia, nessa hora.

A educação, o I.A.C. devem muito ao saber e ao amor de Sílvia Soares.

Estas foram as suas últimas palavras que teriam sido ditas por Sílvia, na Câmara de Évora, mas, que não deixaram de ter voz numa leitura perante todos (e muitos) que a acompanhavam nesse último momento.

Para o dia 25/2/89

Deixa-me bastante confusa esta homenagem que me foi proporcionada pela generosidade da Câmara Municipal a quem estou muito grata, bem como a todas as pessoas aqui presentes.

Afirmar que não a mereço, é repetir um lugar-comum a quase todas as pessoas que se encontram nestas circunstâncias, mas apesar de lugar comum, eu não hesito em repeti-lo.

Sinceramente sinto que estou longe de merecer a vossa atenção e passo a explicar porquê:

Segundo o meu ponto de vista, cada um de nós, pelo facto de existir, tem obrigação de se ultrapassar a si mesmo e de tentar fazer algo para assim se transcender e redimir do seu egoísmo inato.

Penso que mais não somos do que um elo de uma cadeia interminável que se prolonga e prolongará através dos séculos. Cadeia a que dou o nome de Fraternidade.

Devo acrescentar ainda que, sem as condições propícias, nada poderia ter sido realizado.

Para a formação do Centro Infantil "Irene Lisboa", além de um importante donativo de uma pessoa amiga que tem querido sempre conservar-se no anonimato, foi

(Cont. na última página)

Actividades

Conselho Coordenador

Decorreu a reunião do Conselho Coordenador no dia 2 de Março com a presença dos coordenadores dos grupos de trabalho ou seus representantes para, entre outros assuntos, tomar conhecimento e analisar os projectos a desenvolver pelos diversos grupos.



Conselho Técnico

O Conselho Técnico reuniu no dia 28 de Fevereiro tendo sido abordadas propostas de sessões alargadas (temas e participantes).



Reflexão sobre amas e creches familiares



Na sequência do Encontro realizado em Novembro de 1988 sobre trabalho com amas e creches familiares, o I.A.C. vai promover sessões de reflexão com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.

Estas sessões terão lugar no Centro João Paulo II — Av. das Forças Armadas, das 10 às 13 h. nos dias: 14 de Março, 14 de Abril, 12 de Maio e 9 de Junho.



(01) 73 16 17

FAZ ESTA LIGAÇÃO.

SOS Criança

O Serviço mantém o seu funcionamento segundo o horário inicial: das 13h. às 18h. Telef. 731617.

Projectos

Plano de actividades do IAC para 1989

Ao elaborar o plano de actividades do I.A.C. para o ano de 1989 Conselho Coordenador, eleito em Dezembro de 1988, consideramos que são de manter as acções dos anos transactos incrementando outras actividades que não são completamente novas nas preocupações do Instituto.

Assim, reformula-se o grupo das Crianças Maltratadas repensando os seus objectivos e cria-se um grupo de trabalho da Humanização dos Hospitais.

1—ACÇÕES A DESENVOLVER

Incluem-se neste capítulo todas as actividades que o I.A.C., por iniciativa própria pretende desenvolver.

1.1—GRUPOS DE TRABALHO

1.1.1—ACTIVIDADE LÚDICA E ANIMAÇÃO

- informar, divulgar e sensibilizar o público para a importância do Direito de Brincar;
- melhorar a qualidade actual das ludotecas existentes através da formação de pessoal a vários níveis.
- possibilitar a existência de parques de aventura.

1.1.2—ACÇÕES COORDENADAS EM BAIROS DEGRADADOS

Áreas de intervenção — Bairro de St.ª Maria da Urmeizela e zona N2 de Chelas.

- incentivar a articulação de acções de organismos oficiais e particulares com competências definidas nas diferentes áreas que directa ou indirectamente têm que ver com a educação e bem-estar das crianças.
- apoiar de uma forma mais directa as instituições escolares.
- consciencializar os pais para as suas funções parentais.

1.1.3—PUBLICAÇÕES

- difundir informação aos sócios sobre as actividades do I.A.C. e outros assuntos de interesse;
- difundir informação à opinião pública, incluindo grupos específicos de técnicos.

1.1.4—CRIANÇAS MALTRATADAS E NEGLIGENCIADAS

O novo grupo de trabalho realizou a sua primeira reunião para procurar encontrar o espaço adequado ao Instituto nesta matéria.

1.1.5—HUMANIZAÇÃO DOS HOSPITAIS

- constituir o grupo de trabalho;
- definir os objectivos e estratégias.

Diversos

Sede do I.A.C.

O projecto, sede do I.A.C., longamente pensado e sonhado, tornou-se possível, graças à intervenção generosa, da Câmara Municipal de Lisboa que cedeu uma casa no Largo da Memória, 14—r/c, na Ajuda, em Lisboa.

Este espaço, depois das obras de restauração e adaptação aos serviços, irá responder às necessidades sentidas pelo Instituto que penhoradamente agradecemos este espaço que, depois de obras de restauro e adaptação será a nossa futura sede.



Ler... Brincar



Assim, tendo-me debruçado em recordações mais ou menos díspares, queria considerar aqui uma, dum milagre banal, progressivo, do qual não se dá conta senão depois de ter acontecido: a descoberta da leitura. No dia em que cerca dos 26 símbolos do alfabeto deixaram de ser traços incompreensíveis, nem sequer belos, alinhados sobre um fundo branco, arbitrariamente agrupados, a partir desse momento, cada um dos quais constitui uma porta de entrada que dá para outros séculos, outros países, multidões de seres cada vez mais numerosos que nunca encontraremos pela vida fora, por vezes uma ideia modificará as nossas, uma noção que nos tornará um pouco melhores ou, pelo menos, um pouco menos ignorantes que ontem. Nunca tive livros para as crianças. Os volumes cor-de-rosa e dourados de Madame Ségur pareciam-me cheios de patéticas e mesmo de grosserias: histórias contadas por um adulto que caluniava e estupidificava as crianças. Jules Verne aborrecia-me; talvez só agradasse aos rapazinhos. Branca de Neve, A Bela Adormecida, A Vendedeira de Fósforos, encantavam-me, mas sabia-os de cor antes de ter aprendido a ler. Não os separava dum voz firme de homem ou de uma voz grave e doce de mulher jovem. Graças a meu pai, em pouco tempo fiquei a conhecer numerosos clássicos; iria aflorar toda a literatura francesa e uma parte, pelo menos, da literatura inglesa, entre os sete e os dezoito anos. Iria também aprender suficiente latim e grego para subir mais alto. Os cépticos dirão que as leituras precoces são inúteis porque a criança lê sem compreender, pelo menos nos primeiros anos; eu atesto o contrário que compreende certas coisas, sabe vagamente que compreenderá outras mais tarde e que os conhecimentos apreendidos por esse meio não se apagam.

Marguerite Yourcenar
Quoi? L'éternité
Gallimard, 1988
(tradução)

Correm todos para o baloiço: é uma prancha grossa e polida do uso, suspensa de duas cordas que vêm duma altura desmedida, dentre as ramarias, do infinito, não se sabe donde. Tem um cinto sólido, entrançado, de mil cores, com uma grossa fivela de garras que encaixam. (Dá gosto a gente perder-se nestes detalhes minuciosos). Há meninos muito valentes que sonham balouçar-se tanto e tão alto, que cheguem a dar a volta completa lá em cima: chamam-lhe a Volta-do-Coliseu. Nenhum conseguiu até hoje, nem o irmão, isso sim. Já uma vez a ia dando, mas foi na praia de Algés: chegou lá mesmo mesmo ao cimo, e parou de cabeça para baixo, não sabia se ia para diante ou para trás! Voltou para trás, com muita pena de todos. Imagine-se, ficar assim *um instante* (até devia ser em maiúscula) de cabeça para baixo, àquela altura toda, sem cair! Subiu-lhe o sangue todo aos miolos, com certeza. Ele até já conseguiu andar com um copo cheio de água à roda à roda, até ficar todo inclinado (o copo), e não entornou nem uma pinguinha! É uma força qualquer, que se chama... Não nos lembra agora. — Mas há quem consiga, isso do balouço, e a gente já viu. Foi na praia. Não foi na praia, foi no Coliseu!

É tão bom andar assim pelos ares e ventos, à desfilada, com a impressão de que vamos ser atirados pelos espaços fora! O cabelo comicha na testa. Acima da cabeça, das casas, do horizonte, vendo o mundo fugir para lá e para cá, as árvores numa correria descabelada, os telhados às curvas — sim, mas não vale empurrar com tanta força, não? Não vamos mais longe, eu não quero! Pára! PÁRA! — A vertigem é forte de mais, de repente a gente tem medo, embora não confesse, e grita, tem lágrimas nos olhos, é do vento com certeza. O que nos vale é o cinto, mas quem é que se fia?

Agora eu! Agora eu! — e o balouço balança a criança, até que todos se fartam e o abandonam, a oscilar, cada vez mais devagar, em torcicolos, e por fim pára, sozinho.

É sentado nesse balouço que ele gosta de escutar as vozes e olhar as árvores, às vezes de cabeça à banda, ou virada para baixo, para trás, num abandono tranquilo e solitário, a ver um mundo diferente do mundo real.

A Escola do Paraíso
Obras completas de
José Rodrigues Miguéis
Editorial Estampa — Lisboa, 1981



TIROU-NOS OS PIÕES

Saquinha dos livros em bandoleira,
no bolso do bibe baraça e pião,
a ida para a escola era uma reinação
fértil na santa brincadeira.

Um dia, a mestra, com nos morigerar,
tirou-nos os piões, e vá de os pendurar
no alisar da porta com nagalhos
como se faz à réstea dos alhos.

Muito me doeu privarem-me do pião,
que era de buxo, torneado a primor,
com riscas vermelhas ao derredor,
que dançava ao simples empuxão
da baraça; adormecia na unha,
e, dormente, percorria as palmas da mão
dos amigos e ia continuar na do Cunha.

Aquilino Ribeiro

O Livro de Marianinha

Livraria Bertrand — Lisboa, 1967



As vezes, eu ia aparar com a boca
as gotas de chuva do beiral
e nelas sentia o gosto do mundo.
Nuvens, vento, céu pardo.
Eu chorava essas horas de prisioneiro na sala da varanda
entre a flores que minha mãe adorava
e a miragem de um dia de sol, lá fora,
com a bola de futebol no largo da escola.

Fernando Namora

As frias madrugadas

Livraria Bertrand — Lisboa, 1981



Capacito-me que o sonho, particularmente o sonho infantil, além da reacção a um sucesso ocorrido em estado de vigília, como pretende Freud, seja uma lembrança, mais ou menos incoerente, de factos ocorridos na vida de nossos pais. De todos eles, dos mais próximos aos mais remotos. A luta com as feras; o horror dos répteis; batalhas de obsessa brutalidade, os baldões da horda; episódios de fereza e de força — tudo isso que cachoa na aventura do homem, defluente através das idades, babuja nos sonhos como nos destroços de naufrágios que vêm dar à praia. Se há que colocar os fenómenos da actividade psíquica sob o mesmo expoente da físico-química, porque não havemos de aceitar que o sonho seja muitas vezes, quando transpondo o quotidiano, a versão — mais ou menos deformada por interferências de diversa índole — de sucessos que vincaram o trânsito de uma geração, de uma família ou mesmo o pretérito já remoto do indivíduo? O cérebro humano, somatório de experiências colectivas ou registo de sensações da vida imediata, é uma espécie de cartulário secreto — crónica reservada. A qualquer golpe de vento escancara-se a porta do arquivo e as páginas escritas desfolham-se e ficam expostas à leitura. E é que efectivamente ouve-se a leitura de uma delas ou de muitas, quer em voz alta quer *in mente*, como disco gasto ou que, no *pick-up*, uma agulha romba percorre, incoerente ou faceciosa. Quem determinou a leitura? Só sei que se vai fazendo por si, por acção intrínseca, mercê da dinâmica espiritual que está desde milénios a tornar-me dono das claves mágicas do mundo. Na hora nocturnal, lá vai agindo lassa, desconexa e absurda, ou ao desenfado, por velocidade adquirida, tal um volante a que se cortou a corrente. A verdade é que a minha alma era um teatro maravilhoso, de que eu fui ao mesmo tempo espectador e histrião.

Aquilino Ribeiro

A Obra e o Homem

Arcádia — Lisboa, 1977



1.2 — SERVIÇO S.O.S.-CRIANÇA

- a) montar uma segunda linha telefónica;
- b) alargar o horário de atendimento (das 09H00 às 18H00);
- c) recrutar mais elementos para o atendimento (técnicas de serviço social e um psicólogo);
- d) recrutar um especialista para supervisão da equipe técnica;
- e) proceder à assinatura de protocolos de acordo com os vários Ministérios (Justiça, Saúde, Educação, Emprego e Segurança Social) e St.ª Casa da Misericórdia de Lisboa;
- f) organizar o início do funcionamento do Grupo de Acção e Reflexão.
- g) informatizar o equipamento social existente no País;
- h) realizar reuniões mensais e trimestrais do desenvolvimento do S.O.S.-Criança.

1.3 — ONG PARA O DESENVOLVIMENTO

- a) restabelecer contactos com as Repúblicas de S. Tomé e Príncipe e de Cabo Verde;
- b) elaborar projectos viáveis para cooperação com os Governos ou instituições locais dos dois países.

1.4 — ACCÇÕES DE FORMAÇÃO, INFORMAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO

1.4.1 — FORMAÇÃO DE TÉCNICOS QUE TRABALHAM EM PROJECTOS DE AMAS E CRECHES FAMILIARES

- a) divulgar as conclusões do Encontro realizado em Novembro de 1988;
- b) divulgar o livro contendo todas as intervenções do referido Encontro;
- c) continuar a análise e reflexão dos aspectos concretos do trabalho quotidiano.
- d) capacitar o grupo para proceder à análise sistémica das inter-acções das famílias das amas e das crianças com o apoio da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.

1.4.2 — COMUNICAÇÃO SOCIAL

- a) informar a sociedade em geral sobre os direitos da criança e as suas violações;
- b) tratar, para o público em geral, temas concretos que contribuam ou afectem o bem-estar das crianças.

1.4.3 — SESSÕES ALARGADAS

- a) dar a conhecer experiências inovadoras;
- b) analisar e debater questões actuais.

1.4.4 — REALIZAÇÃO DE SEMINÁRIOS

1.5 — CENTRO DE ACOLHIMENTO DO I.A.C.

Ludotecas em Ponta Delgada

Por iniciativa da equipa de Saúde Mental dos Serviços Médico-Sociais de Ponta Delgada, foi criada há perto de um ano uma ludoteca na Freguesia das Feteiras.

Pretende, entre outros objectivos, proporcionar à criança o acesso ao brinquedo permitindo-lhe o alargamento de experiências e interesses.

A equipa realizou trabalho com a autarquia local e junto da população, fez um levanta-



mento de modo a verificar as possibilidades de financiamento do material necessário para a ludoteca.

Jornadas de Estudo

A Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ubrich promove nos dias 4, 5, 6 e 7 de Abril na Universidade Católica Portuguesa, Jornadas de Estudo sobre o tema "A criança, a família e as novas Tecnologias".

Informações:

Rua Jardim à Estrela, 16 — 1300 LISBOA
Telef. 67 15 15

Congresso

Realiza-se na Finlândia, de 16 a 18 de Junho de 1989 um Congresso segundo o tema "Trabalhando para os Direitos da Criança".

Os trabalhos orientar-se-ão segundo três painéis relativamente à Lei; à Educação Popular; ao Papel das Organizações Nacionais na protecção dos Direitos da Criança e a implementação da futura Convenção.

Informações:

Congresso Internacional 1989
Defensa de los Niños, Casa postale
88 CH — 1211 Genève 20
Telef. (4122) 34 05 58

Fazer a Festa

— Festival de Teatro para a Infância e Juventude

O teatro Art'Imagem promove de 14 a 25 de Abril o Festival de Teatro para a Infância e Juventude.

Até ao início do Festival o Teatro Art'Imagem organizará várias acções de formação e sensibilização.

Informações:

Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 203 — 3.º Dt.º
4300 PORTO; Telef. 57 33 77 ou directamente na sua sala, Rua dos Mercadores, (à Ribeira) Porto.

Sociedade Portuguesa de Psicanálise

Terá lugar na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, nos dias 14 e 15 de Abril de 1989, um Colóquio subordinado ao tema "Psicanálise e Educação".

Informações e Secretariado:
Sociedade Portuguesa de Psicanálise
Av. da República, 97 — 5.º
1000 Lisboa, Tel. 77 21 08

Para o dia 25/2/89

(Cont. da 1.ª página)

fundamental e indispensável a ajuda e o apoio do M.D.M. (Movimento Democrático das Mulheres de Évora), organização a que eu então também pertencia.

Quanto à Ludoteca, embora só disponhamos de um pequeno espaço, julgo que ela pode ser também motivo de orgulho para a nossa cidade, pois com as suas características, foi a primeira a ser inaugurada em Portugal. Dela saíram e continuam a sair informações e apoio de textos para outras ludotecas, que posteriormente, têm vindo a formar-se nos mais diversos pontos do País. Entre elas citaremos as de Massarelos no Porto, cujo desenvolvimento já nos ultrapassou.

No que se refere à Ludoteca esta não teria sido possível sem o apoio fundamental da Câmara que, para além do impulso inicial e da cedência da sala, continua a prestar-nos o seu auxílio.

Para a sua manutenção contamos também com a quotização dos sócios e ainda com subsídios acidentais cedidos por diversas Entidades, entre elas destacamos a Freguesia da Sé.

A título de curiosidade esclarecemos que tivemos conhecimento da existência de Ludotecas no Encontro Internacional de Psicologia efectuado na Gulbenkian em 1975.

Dai surgiu-nos a ideia de se poder vir a formar entre nós Ludotecas, ou seja, locais onde as crianças podem brincar e levar brinquedos emprestados para casa.

No entanto, a ideia de se formar uma ludoteca não foi isenta de hesitação. Seria de facto pertinente formar uma ludoteca se há tantas crianças carenciadas do essencial?

Na verdade, durante muito tempo o brinquedo foi considerado um objecto supérfluo que servia apenas para "entreter as crianças".

Porém, a partir do princípio desde Século, pedagogos como Decroly, Piaget e muitos outros debruçaram-se sobre a actividade lúdica da criança. Desde então,

todos os psicólogos e pedagogos são unânimes em afirmar que o brincar, o jogar e o comunicar são não só essenciais como imprescindíveis ao desenvolvimento global da Criança. Para ela o brincar é trabalhar e o seu instrumento de trabalho é o Brinquedo.

Se bem que a história das Ludotecas seja ainda recente, pois o seu início data apenas dos anos 30, actualmente já existem ludotecas espalhadas pelo Mundo inteiro.

Voltando ainda à formação da nossa ludoteca, a ideia foi germinando desde 1975 até ao Ano Internacional da criança em 1979, data em que foi inaugurada, após uma exposição de Brinquedos no Museu de Évora e de um inquérito feito às crianças sobre a sua idade, sexo e brinquedo preferido. Uma vez chamada a atenção do público, não foi muito difícil formar uma associação denominada Associação dos Amigos da Ludoteca de Évora. Actualmente fazem parte desta Associação 147 sócios adultos.

Não subestimamos os chamados "tempos livres", são eles indispensáveis e muitos mais serão necessários, todavia não substituem as ludotecas, pois o seu funcionamento é diferente. Nestas as crianças não estão sujeitas à rigidez de horários, nem à marcação de faltas. Entram e saem livremente e livre-

mente podem escolher o seu brinquedo. Esta liberdade não sendo excessiva, pode tornar-se benéfica e até necessária. Pois, basta lembrar que muitas crianças trabalham cerca de 7 horas por dia sobretudo se tiveram a pouca sorte de terem horas suplementares nas explicações.

Com isto não quero dizer que as ludotecas não devam cooperar com os "tempos livres" à semelhança com o que já acontece nalgumas escolas às quais têm sido emprestados brinquedos.

Além da Ludoteca que já existe, penso que, aqui em Évora, haverá ainda algo a fazer, nomeadamente fundar outras em bairros populosos e ainda, se possível, criar uma ludoteca itinerante que se pudesse deslocar através do Concelho.

Por último o Museu do Brinquedo, pequeno é certo, mas também o primeiro do País, mais uma vez Évora foi pioneira. Pois um importante museu que existe agora em Sintra foi inaugurado 10 meses mais tarde do que o nosso.

Ainda mais uma vez, a Câmara apoiou esta iniciativa; sem o seu auxílio a criação do Museu não teria sido possível.

Poderá perguntar-se porquê um museu do Brinquedo? Porque o Brinquedo, para além de ser um objecto lúdico muito importante, é também um objecto etnológico, pois através desses pequenos objectos do "reino do faz de conta", podem ser observados num pequeno espaço, usos, costumes, evolução de técnicas, etc., podendo proporcionar assim uma lição de História não só às crianças como aos adultos.

Aliás, já nos estatutos da Associação dos Amigos da Ludoteca, havia uma alínea consagrada à futura fundação do Museu do Brinquedo.

É natural que, daqui a algum tempo, o Museu venha a ser transferido para um espaço maior e que aos 320 espécimens que já contém, muitos outros se venham a juntar, pois o que é hoje um testemunho do Presente, será amanhã um testemunho do Passado.

Dito isto, penso que já é tempo de me calar e de mais uma vez agradecer a todos os presentes e em especial aqueles a quem sou devedora.



Joseette Maria Cardoso (Sílvia Soares) em fotografia de 1975

Boletim editado com o apoio



Nestlé

Ficha Técnica

Edição do IAC — Grafismo:
Luís Pinto e Panchita —
Composto e impresso:
Editorial Império, Lda. - Rua

do Salitre, n.º 155 1.º
IAC — Instituto de Apoio
à Criança
Avenida de Berna, 56-3.º
1000 LISBOA
Telef: 73 5875 - 76 50 41/42